

DEPENDENCIA
Y DESARROLLO
EN AMÉRICA
LATINA



F.H. CARDOSO
ENZO FALETTO
XXI siglo veintiuno editores

1ª edición

dependency and
development in
Latin America

Fernando Henrique Cardoso
and Enzo Faletto

Translated by Mariory Mattingsly Urrutia

Cardoso y
Enzo Faletto

Dependencia y
desarrollo en
América Latina



FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
ENZO FALETTO

DEPENDÊNCIA E DESENVOLVIMENTO
EM AMÉRICA LATINA

ENSAYO DE INTERPRETAÇÃO SOCIOLÓGICA

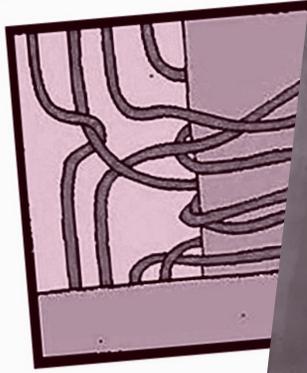
O Brasil na América Latina

Alejandro Blanco

Luiz Carlos Jackson

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO Y ENZO FALETTO

DEPENDENCIA
Y DESARROLLO
EN AMÉRICA LATINA
ENSAYO DE INTERPRETAÇÃO SOCIOLÓGICA



XXI siglo veintiuno editores

FERNANDO HENRIQUE
CARDOSO
& ENZO FALETTO

Dependência
e Desenvolvimento
na América Latina

Ensaio
de Interpretação
Sociológica

5ª
edição

biblioteca de ciencias sociais



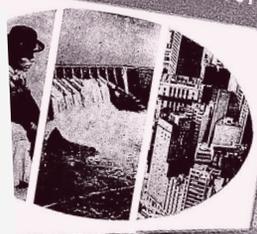
DEPENDENCIA
Y DESARROLLO
EN AMÉRICA
LATINA



F. H. CARDOSO Y
ENZO FALETTO

XXI siglo veintiuno editores

biblioteca de ciencias sociais



Fernando Henrique Cardoso
e Enzo Faletto

DEPENDÊNCIA
E DESENVOLVIMENTO
EM AMÉRICA LATINA
ENSAYO DE INTERPRETAÇÃO
SOCIOLÓGICA



resumo

O artigo contextualiza os processos de produção e circulação do livro *Dependência e desenvolvimento na América Latina* (1969), de Fernando Henrique Cardoso (1931-) e Enzo Faletto (1935-2003). Realizado em parceria pelos dois sociólogos, no interior de um espaço transnacional das ciências sociais da década de 1960, que envolvia instituições como a Cepal, o Ilpes e a Flacso, o livro teve como estribos as experiências mais bem-sucedidas de institucionalização nacional e transnacional das ciências sociais na região, as do Brasil e do Chile, e foi publicado em espanhol pela editora mexicana Siglo XXI, em boa medida responsável por seu sucesso comercial excepcional, de um *best seller* da sociologia latino-americana.

Palavras-chave: intelectuais; sociologia; espaço transnacional; dependência; América Latina.

abstract

*The article contextualizes the processes of production and circulation of the book *Dependency and Development in Latin America* (1969), by Fernando Henrique Cardoso (1931-) and Enzo Faletto (1935-2003). Produced in partnership by the two sociologists, within a transnational space of the social sciences in the 1960s, which involved institutions such as Cepal, Ilpes and Flacso, the book was based on the most successful experiences of national and transnational institutionalization of social sciences in the region, those of Brazil and Chile; it was published in Spanish by Mexican publisher Siglo XXI, largely responsible for its exceptional commercial success, of a best seller in Latin American sociology.*

Keywords: *intellectuals; sociology; transnational space; dependency; Latin America.*

D

ependência e desenvolvimento na América Latina, do sociólogo brasileiro Fernando Henrique Cardoso (1931-) e do sociólogo chileno Enzo Faletto (1935-2003), foi publicado em espanhol pela primeira vez no México, pela Editora Siglo XXI, em 1969, e um ano depois, em português no Brasil, pela Editora Zahar.

O trabalho havia sido realizado no Chile num contexto intelectual extraordinário, envolvendo três instituições acadêmicas transnacionais, sediadas na cidade de Santiago, com grande impacto na constituição das ciências sociais na América Latina: a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), o Instituto Latino-Americano e do Caribe de Planejamento Econômico e Social (Ilpes) e a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso).

O livro obteve sucesso editorial invejável. Apenas pela Siglo XXI, entre 1969 e 2002, alcançou 30 edições, com tiragens de até

9 mil exemplares e uma média de quase uma edição por ano. Foi traduzido para o italiano (1971), o alemão (1976), o francês (1978) e o inglês (1979), atingindo um grau de internacionalização sem precedentes e até hoje dificilmente igualado por alguma outra obra de sociologia latino-americana. No Brasil, o livro foi também bem-sucedido, mas em outra escala, alcançando a média de uma edição a cada quatro anos e meio (entre 1970 e 2004, teve oito edições).

O objetivo deste artigo é reconstruir as condições de produção e circulação do

Uma primeira versão deste artigo foi publicada em inglês na revista *The American Sociologist* (2020, vol. 51, n. 3) com o título "A transnational book: dependency and development in Latin America", no dossiê "Social essayism and sociology in Brazil", organizado por Veridiana Domingos Cordeiro e Hugo Neri Munhoz.

ALEJANDRO BLANCO é professor da Universidad Nacional de Quilmes (Argentina).

LUIZ CARLOS JACKSON é professor do Departamento de Sociologia da FFLCH/USP.

livro, oferecendo subsídios para explicar sua consagração intelectual e editorial. Na primeira parte, discutimos sua relação com a tradição dos ensaios de interpretação do Brasil; na segunda, seu enraizamento nos diferentes espaços nacionais e transnacionais de institucionalização das ciências sociais na região, a partir da reconstrução das trajetórias dos autores. Finalmente, na terceira parte, analisamos o processo de edição do livro, intermediação decisiva ao sucesso que alcançou.

SOCIÓLOGOS E ENSAÍSTAS

O subtítulo do livro, *Ensaio de interpretação sociológica*, pode ser interpretado ao menos em duas direções. O termo “ensaio” poderia significar simplesmente “tentativa”, em função das circunstâncias em que foi preparado e redigido, no interior de um organismo internacional de pesquisa e planejamento, e condicionado ao ritmo de trabalho desse tipo de instituição. Dada, entretanto, a importância do ensaísmo na tradição intelectual brasileira, argumentamos que o subtítulo indicaria, também, a inscrição possível do livro nessa linhagem¹.

Tal ambivalência pode ser compreendida no contexto das tensões e disputas que opuseram sociólogos e ensaístas no início da institucionalização universitária da ciência social na América Latina,

dado que Cardoso e Faletto eram então dois jovens (trintenários) sociólogos identificados com a defesa da sociologia como ciência e reivindicada como forma de conhecimento alternativa ao ensaio. Esse embate, especialmente no Brasil, teve grande importância na conformação da identidade dos sociólogos em função da sobreposição temporal, na década de 1930, entre o período de maior consagração do ensaio de interpretação nacional e a implantação dos primeiros cursos de graduação em ciências sociais nas universidades recém-inauguradas em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Apesar do estilo polígrafo e diletante típico do intelectual não especializado, do “bacharel”, do qual os ensaístas brasileiros mais consagrados desse período – Gilberto Freyre (1900-1987), Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) e Caio Prado Jr. (1907-1990) – se aproximavam, eles tiveram formação universitária e algum treinamento científico². Descendentes de famílias pertencentes às oligarquias estaduais³, o primeiro graduou-se na Universidade de Baylor e fez o mestrado na Universidade de Columbia (Pallares-Burke, 2005), sob orientação de Franz Boas. O segundo se graduou em Direito no Rio de Janeiro no começo da década de 1920, esteve na Alemanha como jornalista no final

1 Maria Arminda do Nascimento Arruda (2009) chamou a atenção ao uso desse mesmo subtítulo em *A revolução burguesa no Brasil* (1975), de Florestan Fernandes, e defendeu a inscrição desse livro na tradição ensaística, apesar dos embates do autor com a mesma.

2 Esse traço os diferenciou dos ensaístas argentinos do mesmo período, em geral autodidatas e mais próximos do polo literário do que do científico. Uma análise detida sobre essa questão em: Jackson & Blanco (2014).

3 Gilberto Freyre era pernambucano; Caio Prado Jr., paulista; e Sérgio Buarque de Holanda, também paulista, embora o tronco paterno de sua família remonte à oligarquia de Pernambuco e Alagoas (Moraes & Jackson, 2021).

desta década, onde se familiarizou com a sociologia desenvolvida nesse país e, décadas depois, obteve os títulos de mestre na Escola Livre de Sociologia e Política e de livre-docente na USP, tornando-se professor catedrático na cadeira de História da Civilização Brasileira (1958). O terceiro concluiu a graduação em Direito em São Paulo e realizou parte do curso de Geografia na Universidade de São Paulo (USP), tendo sido aluno de professores da Missão Francesa na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP), como Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig. Em função dessas propriedades de trajetória, os três encarnaram a transição entre o intelectual polígrafo e o intelectual acadêmico (Cosser, 1968). O mesmo se pode afirmar em relação ao tipo de trabalho que produziram, a meio caminho entre o ensaio e as ciências sociais, que Antonio Candido definiu com acerto como “ensaio histórico-sociológico”.

Tais experiências de formação educacional podem ser reconhecidas em seus principais trabalhos. Em *Casa-grande & senzala* (1933), Gilberto Freyre mobilizou farta documentação escrita, como cartas, diários, relatos de viajantes, romances, cadernos de receitas etc. (Bastos, 1998), para interpretar antropológicamente o conjunto das relações sociais e dos padrões culturais vigentes no Nordeste açucareiro colonial. Em seu quadro de referências constavam autores como Franz Boas, Georg Simmel, Pitirim Sorokin, entre outros, por meio dos quais elaborou uma interpretação original sobre a formação da sociedade brasileira, renovando a visão que se tinha sobre a escravi-

dão no país e denunciando sua violência extremada, amalgamada aos padrões de intimidade que socializavam brancos e negros no interior da casa-grande, esta última entendida como *éthos* de uma sociedade rural, patriarcal e agroexportadora, movida por “antagonismos em equilíbrio” (Araújo, 1994).

Embora *Raízes do Brasil* (1936) seja, entre os três, o menos documentado empiricamente, Sérgio Buarque de Holanda apoiou-se diretamente em Max Weber, além de outros autores da tradição intelectual alemã, propondo uma interpretação abrangente sobre a formação e a transformação da sociedade brasileira a partir da reconstrução das formas sociais da colonização portuguesa e dos valores que teriam orientado a ação dos colonos nesse processo. Discutiu ainda as direções e os significados das transformações ocorridas a partir da Independência durante o século XIX e dos impasses delas resultantes⁴.

Caio Prado Jr. desenvolveu em *Formação do Brasil contemporâneo* (1942) uma reconstrução histórica informada pelo marxismo sobre os momentos finais da colonização portuguesa no Brasil. Essa experiência deveria ser compreendida a partir da expansão do capitalismo comercial e dos interesses da metrópole, que teria condicionado a organização da economia brasileira em torno da produção de gêneros agrícolas pelo trabalho escravo e orientada ao mercado externo. O autor derivou desse argumento a tese de que a formação da nação dependeria de transfor-

4 Sobre Sérgio Buarque, ver, entre outros: Wegner (2000), Monteiro (1999) e Waizbort (2011).

mações econômicas (industrialização, diferenciação econômica e desenvolvimento do mercado interno) e sociais (constituição da sociedade de classes)⁵.

A relação dos sociólogos com essa tradição do ensaio histórico-sociológico implicou uma ruptura, mas, também, uma continuidade, que pode ser advertida na recorrência de objetos, problemas e interpretações (Lima, 1999; Jackson, 2002; Botelho, 2007 e 2009). De qualquer modo, as disputas entre sociólogos e ensaístas resultaram da exigência prática de diferenciar-se da tradição intelectual estabelecida (Lepenies, 1996) no contexto de afirmação de uma nova identidade profissional, a do sociólogo. Os ataques mais diretos ocorreram em resenhas, os indiretos, em balanços sobre o desenvolvimento da disciplina. Desde o final dos anos de 1940, na Universidade de São Paulo, Florestan Fernandes assumiu a dianteira desse confronto que envolvia a defesa da sociologia científica contra o ensaio (Garcia, 2002).

Em síntese, se a implantação da sociologia implicou uma mudança significativa por meio da introdução de métodos, teorias, padrões de trabalho sistemáticos e certo deslocamento nos objetos de pesquisa, houve, também, continuidade (Arruda, 2009). Esquemáticamente, o problema da “formação” (Arantes, 1992), ou seja, dos processos históricos constitutivos da sociedade brasileira, orientou a maioria dos ensaístas brasileiros desde meados do século XX e a questão do “desenvolvi-

mento”, sobretudo no pós-guerra e depois da criação da Cepal, ocupou o centro das preocupações dos cientistas sociais brasileiros até, seguramente, o final dos anos de 1960. Não haveria, portanto, mudança de rota de um momento para o outro, mas apenas de ênfase, sendo possível reconhecer nos trabalhos dos sociólogos desse período questões formuladas pela tradição anterior. Em suma, as relações dos sociólogos com os ensaístas se caracterizaram pela ambivalência. De um lado, os criticaram, reivindicando um estilo de trabalho próprio para a sociologia; de outro, reconheceram sua importância na formulação dos problemas centrais da história e da sociedade brasileira, que voltariam à tona transfigurados pela perspectiva sociológica.

Como herdeiro de Florestan Fernandes e membro do grupo que este último liderou, Fernando Henrique Cardoso não poderia escapar dessa relação ambivalente com a tradição ensaística brasileira⁶. Uma evidência disso foi a participação de Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr. em sua banca de doutorado, no ano de 1961. Significativamente, o então jovem sociólogo seria ordenado doutor por dois dos ensaístas mais reconhecidos do país, os autores de *Raízes do Brasil* e de *Formação do Brasil contemporâneo*, respectivamente.

5 Sobre Caio Prado Jr., ver, principalmente: Ricupero (2000), D’Incao (1989) e Martinez (2008).

6 Não obstante essa atitude ambivalente comum, Florestan reagiu ao ensaio de modo mais frontal e explícito, enquanto Fernando Henrique o fez obliquamente. Essa variação relaciona-se com a origem social (Pontes, 1998; Pulici, 2008) relativamente favorável do segundo e com seu pertencimento a uma geração posterior, atuante quando a fronteira entre sociologia e ensaio já estava reconhecida.

NACIONAL E TRANSNACIONAL

Se é possível inscrever *Dependência e desenvolvimento na América Latina* na tradição do ensaio histórico-sociológico de interpretação do Brasil, o livro resultou mais diretamente do processo de implantação das ciências sociais na América Latina, concentrado entre 1930 e 1970. Tal processo envolveu dois padrões típicos de institucionalização: nacional e transnacional. Os pesos relativos de um e outro variaram no tempo e no espaço (em cada país da região)⁷. Brasil e Chile se opõem nesse ponto. No primeiro, prevaleceram iniciativas nacionais, como as que tiveram lugar em São Paulo, com a fundação de cursos de graduação em ciências sociais na USP, na Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) e na Universidade do Distrito Federal (UDF), no Rio de Janeiro, desde a década de 1930; no segundo, as transnacionais, por meio de instituições como a Cepal, o Ilpes e a Flacso, no pós-guerra⁸. O livro de Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto pode ser compreendido como uma resultante da articulação desses dois padrões.

Os autores incorporaram objetos, problemas e perspectivas de análise gestados no contexto político e intelectual que teve como centro a Cepal. Em 1947, essa instituição foi criada como um organismo

das Nações Unidas, com sede em Santiago do Chile e por seu intermédio a questão do desenvolvimento se converteu no grande tema das ciências sociais na América Latina entre as décadas de 1950 e 60. Sob a liderança intelectual e organizacional do economista argentino Raúl Prebisch⁹, que assumiu a direção da instituição em 1949, a Cepal tornou-se o principal centro de influência teórico-doutrinária sobre a questão do desenvolvimento. Sem tal influência, é difícil pensar no extraordinário arranque que as ciências sociais experimentaram na América Latina durante o período. No mesmo ano, Prebisch publicou *El desarrollo económico de la América Latina y algunos de sus principales problemas*, espécie de manifesto da nova instituição, que propiciou o “descobrimento” socioeconômico da América Latina (Hirschman, 1980). Logo que assumiu a direção da Cepal, Prebisch reuniu um pequeno grupo de pesquisadores jovens, todos economistas – Víctor Urquidí, Regino Boti, Juan Noyola, Osvaldo Sunkel, Jorge Ahumada, Aníbal Pinto, Cristóbal Lara e Celso Furtado, entre os mais destacados –, que constituiu uma espécie de “seita”, com nexos pessoais muito intensos e animados por uma empenhada “missão” (Hodara, 1987). Um pouco mais tarde foi incorporado ao grupo o sociólogo espanhol José Medina Echavarría (1903-1977), vinculado ao organismo em 1952, que introduziu na Cepal a perspectiva sociológica no tratamento dos

7 Ainda quando nenhum caso concreto possa ser compreendido unicamente a partir de um desses dois vetores, as experiências se diferenciam entre as que se apoiaram prioritariamente em um ou em outro.

8 Sobre a importância de Santiago como centro das ciências sociais no período, ver: Beigel (2009).

9 Sobre a trajetória de Prebisch, ver: Halperin Donghi (2008), Caravaca & Espeche (2016), Barboza (2020) e Blanco & Barboza (2021).

problemas relativos ao desenvolvimento econômico da América Latina.

Medina Echavarría aportara no México em 1939, exilado da Espanha em função da derrota dos republicanos na Guerra Civil Espanhola e atraído pelas políticas empreendidas pelo governo de Lázaro Cárdenas (1934-1940) para receber intelectuais e cientistas espanhóis¹⁰ opositores do ditador Francisco Franco, que governou a Espanha entre 1939 e 1976. O exilado espanhol detinha uma bagagem sociológica considerável (havia realizado estágios na Alemanha no começo da década de 1930) quando chegou ao México, disposto a investir na renovação científica dessa disciplina, projeto cristalizado nas páginas de *Sociologia, teoría e técnica* (1941). Ele lecionou sociologia na Universidade Nacional Autónoma do México (Unam) e, em 1943, criou com o historiador mexicano Daniel Cosío Villegas (1898-1976) o Centro de Estudos Sociais (CES) no Colégio do México. Apesar do caráter renovador do projeto que animava o CES, a experiência fracassou após três anos de funcionamento, possivelmente, em função do descompasso entre as expectativas de Medina Echavarría e as condições concretas que enfrentou, encarnadas nas divergências com Cosío Villegas, que imaginava um centro orientado à preparação de quadros para o Estado mexicano, enquanto o primeiro tinha em mente uma instituição de ensino prioritariamente

científica. A transmigração de Medina Echavarría em 1946 (ele foi inicialmente a Porto Rico e depois ao Chile) sugere que ele não teria encontrado no México condições favoráveis ao desenvolvimento de seu projeto. Isso viria a acontecer no Chile, com sua incorporação à Cepal e à Flacso, na qual assumiu em 1958 a direção da Escola Latino-Americana de Sociologia (Blanco, 2010).

Duas publicações decisivas para a incorporação da perspectiva sociológica no estudo do desenvolvimento econômico dependeram das iniciativas de Medina Echavarría. A primeira foi a obra coletiva *Aspectos sociales del desarrollo económico en América Latina* (1962), publicada pela Unesco, que inclui textos dos principais cientistas sociais e economistas da região (além de alguns estrangeiros), como o próprio Medina Echavarría, Jacques Lambert, Jorge Ahumada, Florestan Fernandes, Gino Germani, Cosío Villegas, entre outros, reunidos pela Cepal no México em um seminário no ano de 1960. A segunda foi *El desarrollo social de América Latina en la pos-guerra* (1963), inicialmente um relatório oficial da Cepal sobre as mudanças sociais e políticas em curso nos principais países da região, relacionadas aos processos de industrialização e urbanização, que teriam implicado uma mudança na estrutura de classes desses países a partir do crescimento das classes trabalhadoras e médias. O livro resultante foi redigido por José Medina Echavarría com a colaboração dos então jovens sociólogos Enzo Faletto e Luis Ratinoff, formados na Flacso. *Dependência e desenvolvimento na América Latina* pode ser compreendido como um desdobramento

10 Segundo Laurence Hallewell, citado em Andersen (1996), a imigração de republicanos espanhóis no México incluiu 2.440 profissionais empregados em editoras, 2.065 professores, 368 "intelectuais" e seis editores (Andersen, 1996, p. 7).

dessas duas obras anteriores, às quais se somaria a experiência de pesquisa que Fernando Henrique Cardoso trazia do Brasil.

Neste país havia ocorrido uma das experiências mais exitosas de institucionalização da sociologia entre os países da América Latina. A especificidade brasileira residiu na criação remota de cursos de graduação em ciências sociais já na década de 1930, lembrando que na Argentina e no México, por exemplo, isso só ocorreria uns 20 anos mais tarde (Jackson & Blanco, 2014, 2016 e 2021). Na cidade de São Paulo, em 1933, foi criada a ELSP e, em 1934, a USP e, em seu interior, a FFCL. No ano de 1935, no Rio de Janeiro, a Universidade do Distrito Federal (depois fechada e substituída pela Universidade do Brasil) foi inaugurada. Nas três instituições, foram introduzidos cursos de graduação em ciências sociais e, desde a década de 1940, de pós-graduação (mestrado e doutorado).

Nos três cursos foram contratados professores estrangeiros (Peixoto, 1989), o que constituiu uma marca distintiva da sociologia brasileira. Na USP, o ensino esteve a cargo de uma missão francesa que formatou o curso nos moldes da tradição durkheimiana. Se levarmos em conta que na ELSP militaram professores norte-americanos oriundos de Chicago, constatamos a excepcionalidade dessa experiência e dos resultados extremamente frutíferos que dela derivaram. As gerações pioneiras de sociólogos brasileiros foram, portanto, formadas pelos professores estrangeiros e absorveram diretamente as tradições sociológicas europeia e norte-americana.

Comparado com o recrutamento elitista das escolas de direito, o da FFCL/USP

incluiu participação comparativamente elevada de membros das classes médias, de descendentes de imigrantes, de mulheres, além de jovens oriundos de frações decedentes das oligarquias. De origem social modesta, Florestan Fernandes nasceu na cidade de São Paulo em 1920. Sua carreira beneficiou-se, como a de seus colegas de geração, do padrão de ensino da Missão Francesa. Em meados da década de 1940, realizou o mestrado na ELSP. Orientado pelo antropólogo alemão Herbert Baldus, realizou uma pesquisa sobre os índios tupinambás, da qual derivaram os livros *Organização social dos tupinambá* (mestrado defendido em 1947) e *Função social da guerra na sociedade tupinambá* (doutorado defendido na USP em 1951). Desde o começo da década de 1950 se envolveria, ainda, na pesquisa da Unesco sobre o preconceito racial, convidado por Roger Bastide, e que seria publicada no ano de 1955, como *Brancos e negros em São Paulo*.

No ano de 1954, Florestan assumiu a direção da cátedra de Sociologia I, na qual reuniu uma equipe voltada inicialmente à pesquisa sobre a questão racial brasileira e, depois, em sintonia com o debate aberto pela Cepal, ao problema do desenvolvimento capitalista e da formação da sociedade de classes no Brasil. Esse foi o núcleo do projeto “Economia e sociedade no Brasil: análise sociológica do subdesenvolvimento” (1961), redigido por Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso, que se fez possível com a criação do Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho (Cesit). A pesquisa coletiva incluiu, além dos autores do projeto, Octavio Ianni, Marialice Mencarini Foracchi,

Maria Sylvia de Carvalho Franco, Leôncio Martins Rodrigues, entre outros. Ainda que sua continuidade fosse bloqueada pelo golpe militar de 1964, dela resultaram trabalhos importantes, anteriores à publicação de *Dependência e desenvolvimento na América Latina* (1969), como *Empresário industrial e desenvolvimento econômico* (1964), de Fernando Henrique Cardoso; *Estado e capitalismo: estrutura social e industrialização no Brasil* (1965), de Octavio Ianni; *Desenvolvimento econômico e evolução urbana* (1968), de Paul Singer; *Petróleo e nacionalismo* (1968); *Sociedade de classes e subdesenvolvimento* (1968), de Florestan Fernandes.

Embora no Chile o peso das iniciativas transnacionais tenha sido maior do que em outros países da América Latina (especialmente em comparação ao Brasil) e determinante para a institucionalização da sociologia, houve nesse país uma iniciativa nacional anterior que assentou as primeiras bases universitárias dessa disciplina, com a criação do Instituto de Sociologia na Faculdade de Filosofia e Educação da Universidade do Chile, em 1946. Quem estabeleceu nessa universidade os primeiros dispositivos institucionais de difusão e implantação da “sociologia científica” foi Eduardo Hamuy (1916-1989). Nasceu em Santiago, filho de imigrantes sírios, tanto o pai como a mãe dedicados a atividades comerciais. Suas duas irmãs e o irmão tiveram educação superior e carreiras profissionais destacadas. Ele estudou Direito e Filosofia na Universidade do Chile e, no final da década de 1940, esteve em um dos principais departamentos de sociologia estadunidenses, na Universidade de Colum-

bia, liderado por Robert Merton e Paul Lazarsfeld, no qual se familiarizou com a sociologia. Pouco depois, seria professor visitante no City College de Nova York, no qual dirigiu uma pesquisa sobre as condições de vida dos porto-riquenhos nessa cidade. Entre 1950 e 1951 colaborou em pesquisas nas universidades de Cornell, também em Nova York, e na Universidade de Wisconsin.

Quando regressou ao Chile foi apoiado pelo diretor da Faculdade de Filosofia e Educação da Universidade do Chile, Juan Gómez Millas, que o nomeou diretor do Instituto de Sociologia em 1952 (Brunner, 1985). Em pouco tempo, Hamuy o modernizou, dotando-o de equipamentos e de uma biblioteca que chegou a ser considerada a melhor da América Latina. No final da década de 1950, o instituto assinava 140 revistas especializadas dos Estados Unidos, Europa, Japão, Índia e de agências das Nações Unidas e na metade da década de 1950, começou a publicar suas primeiras pesquisas. A essa altura, Hamuy já havia conseguido estabelecer uma rede de contatos com universidades, centros de pesquisa e associações profissionais de nível internacional, em especial com o Centre d’Études Sociologiques de Paris. Fruto da ligação com este último foi a investigação conjunta iniciada em 1956 sobre a consciência dos trabalhadores de duas companhias mineradoras chilenas, em Lota e Huachipato, da qual participaram os sociólogos franceses Alain Touraine, Jean-Daniel Reynaud, Lucien Brams e o argentino Torcuato Di Tella.

Sob a liderança de Hamuy, reuniu-se o primeiro grupo chileno de “sociólogos científicos”, que foram enviados por ele ao

exterior para obterem formação especializada em sociologia. Alguns deles, como Hernán Godoy Urzúa e Raúl Samuel, à França; outros, como Orlando Sepúlveda, Danilo Salcedo, Guillermo Briones e Luis Ratinoff, aos Estados Unidos e à Inglaterra. Enzo Faletto foi o único membro do grupo que realizou sua pós-graduação em uma instituição transnacional, a Flacso.

UMA PARCERIA INTELECTUAL

Ao chegar ao Chile em 1964, após o golpe militar brasileiro e atraído pelas circunstâncias acadêmicas então muito favoráveis daquele país aos cientistas sociais, Fernando Henrique Cardoso trazia a experiência intelectual obtida na USP, onde havia se graduado (1953) e obtido o doutorado em Sociologia (1961), absorvendo diretamente o impacto da Missão Francesa.

A origem social de Fernando Henrique destoava da que caracterizava a maioria dos membros do grupo recrutado por Florestan Fernandes na USP. Aquele que viria a ser 30 anos mais tarde presidente do Brasil (1994-2002) nasceu como primogênito de uma família embebida na vida política do país. Seu avô e seu pai foram oficiais do Exército brasileiro e participaram de eventos importantes da história política brasileira (Garcia Jr., 2004). Essa origem social favorável e a sua posição na fratria inculcou nele o espírito de liderança que se manifestou diferentemente nas várias fases de sua trajetória, tanto na carreira intelectual, como na política. Reprovado no exame de ingresso na Faculdade de Direito, ace-

deu à FFCL/USP no curso de Ciências Sociais. Já graduado, foi recrutado por Florestan Fernandes, que o nomeou primeiro assistente na cadeira de Sociologia I. Fernando Henrique defendeu seu doutorado em 1961 com a tese da qual resultou o livro *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional* (1962), inscrevendo-se no debate sobre a questão racial no Brasil, e tornou-se livre-docente com o trabalho que deu origem ao livro *Empresário industrial e desenvolvimento econômico* (1963). Dois outros fatos importantes devem ser mencionados. O primeiro foi sua participação central, desde o final da década de 1950, no conhecido “Seminário Marx”, que reuniu jovens professores da FFCL/USP como os filósofos José Arthur Giannotti e Ruy Fausto, o historiador Fernando Novais, o crítico Roberto Schwarz, o economista Paul Singer, entre outros (Rodrigues, 2011). O segundo foi o encontro com o sociólogo francês Alain Touraine, que esteve na USP em 1960 ministrando um curso. Fruto dessa relação, Fernando Henrique Cardoso realizou estágio no Laboratoire de Sociologie Industrielle (criado em 1958 em Paris) entre 1962 e 1963. Tal itinerário comprova que ao chegar ao Chile em 1964, com 33 anos de idade, o sociólogo brasileiro já era bastante experiente.

Os interesses convergentes de José Medina Echavarría e Fernando Henrique Cardoso, que haviam se conhecido numa reunião da Cepal no Uruguai, em 1961, sobre a formação e o papel do empresário na América Latina, e os contatos prévios do brasileiro com Alain Touraine, mediador-chave nessa rede internacional (Festi, 2019; Mendes, 2019), se relaciona-

ram com o convite que o brasileiro recebeu de Medina Echavarría, então diretor do Ilpes (centro de pesquisa vinculado à Cepal), para que assumisse a cátedra de Sociologia do Desenvolvimento (1964-1967) nesse instituto (Garcia Jr., 2004). Já no Chile, ele foi incorporado à Flacso (1965-1967) e à Universidade do Chile (1966-1967) como professor. Antes de retornar ao Brasil em 1968, Fernando Henrique passaria novamente pela França, completando um itinerário de alta mobilidade acadêmica.

“Faletto escreveu pouco e pensou muito” (Reyna, 2007, p. 1)¹¹. Essa afirmação do sociólogo mexicano José Luis Reyna¹² revela o estilo intelectual de Enzo Faletto, cuja discrição escondia sua grande competência intelectual¹³. Como Eduardo Hamuy, também Faletto era filho de um

pequeno comerciante. Seu pai tinha um armazém em Santiago do Chile. Sua formação educacional foi dificultada pela necessidade de trabalhar desde a adolescência, como ele próprio reconheceu em entrevista: “[...] meus estudos secundários foram bastante informais, eu pertencia à categoria de ‘menino problema’” (Rego, 2007, p. 189). Estudou História na Faculdade de Filosofia e Educação da Universidade do Chile e vinculou-se à sociologia como assistente no Instituto de Sociologia, então dirigido por Hamuy. Enzo Faletto fez parte da primeira turma de pós-graduação da Escola Latino-Americana de Sociologia (Elas) da Flacso (1958-59), quando Medina Echavarría era o seu (primeiro) diretor. A tese *Transformaciones en la ideología y la orientación obrera a partir del desarrollo industrial* (1959) foi realizada em parceria com a pesquisadora chilena Ana María Barrenechea. Em seguida, Medina Echavarría o recrutaria para a pesquisa que teve como resultado o relatório *El desarrollo social de América Latina en la pos-guerra* (1963). Tais experiências inculcaram em Faletto a disposição para o trabalho coletivo (Yocelvezky, 2004), cristalizada em inúmeros trabalhos, em parceria com colegas distintos¹⁴.

A elaboração de *Dependência e desenvolvimento na América Latina* por Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto foi beneficiada pelo debate intelectual estimu-

11 A frase de Reyna não deve ser lida ao pé da letra. Embora Faletto não tenha produzido uma obra especialmente volumosa, produziu “quase uma centena de trabalhos. Mas é certo que em sua bibliografia há poucos livros, ainda que de enorme alcance e transcendência, que escreveu em colaboração, e alguns artigos longos publicados em forma de cadernos ou folhetos” (Garretón, 2007, p. 14).

12 Reyna conheceu de perto os dois autores de *Dependência e desenvolvimento na América Latina* durante sua estadia em Santiago do Chile. Obteve o mestrado na Flacso entre 1964 e 1965 e escreveu com Fernando Henrique Cardoso o texto “Industrialização, estrutura ocupacional e estratificação social na América Latina”, publicado na revista *Dados* (n. 2/3, 1967).

13 Nas palavras de Fernando Henrique Cardoso: “A Enzo eu devo muito do que pude ver e deixar registrado da história tão variada e, ao mesmo tempo, com tanto em comum de ‘Nuestra América’. Ele sabia disfarçar sua erudição na simplicidade e na graça da palavra. Era um professor admirável. Rigoroso na análise, escrevia dando a impressão de que não gostava do ofício de escritor e dizia que não se deveria levar muito a sério o que pensava. Deixou, sem alarde, obra notável, como historiador das ideias, como sutil analista das tendências do mundo contemporâneo” (Cardoso, 2007, p. 220).

14 Escreveu com outros autores: uma tese, dois livros e 29 artigos. Além de Fernando Henrique, foram parceiros(as) de Faletto: Ana María Barrenechea, Eduardo Ruiz, Hugo Zememann, Julieta Kirkwood, Rodrigo Baño, Eduardo Morales, Leopoldo Benavides, Ricardo Lagos, Germán Rama e Carlos Ruiz (Garretón, 2007).

lante que reunia professores e estudantes de outros países da região (também europeus e norte-americanos) em Santiago do Chile na década de 1960¹⁵. O texto em preparação foi discutido em seminários de pesquisa do Ilpes¹⁶ e, também, em cursos proferidos em Buenos Aires e na Cidade do México, nos anos de 1965 e 1966, o que favoreceu o controle pelos autores dos diversos casos contemplados no quadro comparativo. Essa experiência de intercâmbio internacional foi determinante para Fernando Henrique na medida em que redirecionou seus interesses intelectuais ao contexto latino-americano¹⁷, implicando um deslocamento significativo em relação ao programa do grupo de que fazia parte na Universidade de São Paulo, centrado no caso brasileiro e dirigido por Florestan Fernandes (Sallum Jr., 2002). O foco do estudo na América Latina e a perspectiva comparada de análise seriam condicionantes decisivos à recepção favorável e à ampla circulação do livro de Cardoso e Faletto.

Os autores introduziram em *Dependência e desenvolvimento na América Latina* uma abordagem sociológica que desafiou as hipóteses desenvolvidas anteriormente na Cepal, sobretudo, pelo economista argen-

tino Raúl Prebisch, que havia formulado a teoria do chamado “estruturalismo latino-americano”. O autor argumentou que o subdesenvolvimento econômico da América Latina não era um fenômeno transitório, expressão de uma mera defasagem temporal em relação à modernidade europeia, mas uma resultante da posição subordinada dos países da região na divisão internacional do trabalho, como produtores e exportadores de matéria-prima e importadores de produtos industrializados. As análises de Prebisch demonstraram a deterioração continuada dos termos do intercâmbio comercial a favor dos países industrializados, que levaria, já nos termos de Cardoso e Faletto, à reprodução da situação de “dependência” e, como consequência, a um desenvolvimento capitalista acanhado e heterogêneo nos países da América Latina. A solução desse círculo vicioso do subdesenvolvimento dependeria da industrialização impulsionada pelo Estado.

Propondo uma análise integrada – econômica e sociológica –, nomeada como “global”, das possibilidades de desenvolvimento econômico nos diversos países da América Latina, Cardoso e Faletto exploraram diferenças entre os casos, em função das características dos sistemas econômicos herdados da colonização e controlados internamente com maior ou menor êxito a partir dos processos de independência política e formação dos Estados-nação no século XIX e, também, pelas respostas possíveis em cada país, condicionadas pelos arranjos sociais e políticos estabelecidos no século XX. Talvez a inovação principal em relação ao estruturalismo cepalino tenha sido, então, em chave weberiana, supor o condicio-

15 A rigor, sua primeira versão circulou como documento de trabalho editado em 1967 pelo Ilpes.

16 Fernando Henrique organizou um grupo de estudos sobre América Latina que se reunia às quintas-feiras, no qual participaram Faletto, Edelberto Torres-Rivas, Oswaldo Sunkel, Anibal Quijano, Francisco Weffort e Theotônio Dos Santos, entre outros (Torres-Rivas apud Franco, 2007, p. 155).

17 O mesmo se pode dizer para Medina Echavarría, que a partir de sua vinculação (1952) à Cepal redirecionou seus interesses de pesquisa, desde então voltados ao problema do desenvolvimento e da democratização na América Latina.

namento político dos processos econômicos, por isso mesmo variáveis, apesar de constrições estruturais semelhantes que pesavam sobre todos os países da região.

Em relação à tradição intelectual brasileira, o desafio analítico do livro consistiu em enquadrar o processo de formação e desenvolvimento do país, eixo da linhagem ensaística, no registro mais amplo da América Latina e, por meio desse viés comparativo, propor uma percepção distinta a respeito desse processo. Na argumentação desenvolvida, os autores examinam com mais detalhe os casos da Argentina, Brasil, Chile e México. A Argentina e o Brasil são aproximados analiticamente por constituírem economias baseadas na agricultura e/ou na pecuária, controladas pelo capital nacional e voltadas à exportação. O México e o Chile se assemelhavam por terem como base da economia a mineração, também voltada à exportação, mas controlada diretamente pelo capital estrangeiro, conformando o que os autores denominaram como “economias de enclave”.

Na Argentina e no Brasil, favorecidos pela acumulação interna de capital derivada da agricultura e pecuária de exportação, as possibilidades de diferenciação e industrialização de suas economias no meio século XX dependeria, entretanto, não apenas do desenvolvimento econômico alcançado e do capital disponível para inversões em outros setores, mas, sobretudo, dos arranjos políticos estabelecidos em cada caso, que teriam permitido impulsionar com maior ou menor intensidade a industrialização a partir do investimento estatal. A vantagem relativa brasileira em comparação à Argentina, que teria sido, desse ponto de vista, política, a maior esta-

bilidade do sistema de dominação brasileiro desde 1930 e a abrangência da aliança de classes estabelecida, sobretudo, durante o varguismo, teriam permitido ao Estado encampar a industrialização.

Essa vantagem relativa do Brasil estaria ameaçada, contudo, na segunda metade da década de 1960, de um lado, pelo fechamento político introduzido pelo golpe militar e, de outro, pelo reordenamento econômico mundial, impulsionado pela incipiente globalização. O sopro otimista da análise para o Brasil, então, se esvaía diante desses processos.

DO MÉXICO À AMÉRICA LATINA: A EDITORA SIGLO XXI

Mas se a originalidade dessa argumentação, tornada possível no contexto intelectual acima reconstruído, foi condição necessária ao sucesso conquistado pelo livro, ela não foi suficiente para tanto. Outro fator importante concerne às condições de sua publicação e circulação. *Dependência e desenvolvimento na América Latina* saiu em espanhol pela editora Siglo XXI, no México. Nesse país foram criadas as duas editoras mais importantes em ciências sociais da América Latina na segunda metade do século XX: Fondo de Cultura Económica (1934) e Siglo XXI (1966).

A criação da primeira deve ser compreendida no interior do processo mais geral de montagem de um novo sistema cultural e acadêmico pelo Estado mexicano após a revolução, mais especificamente, entre as décadas de 1930 e 1940, quando foram estabelecidas novas insti-

tuições públicas de ensino, de pesquisa e de consagração cultural¹⁸. A inauguração da Cidade Universitária da Universidade Nacional Autónoma do México (Unam), em 1951, coroou esse processo de investimentos públicos vultosos, que viriam a constituir a base desse novo sistema cultural, integrado em função de sua dependência, em graus distintos, ao Estado¹⁹.

O mentor principal da Fondo de Cultura Económica foi o historiador Daniel Cosío Villegas. A editora orientou-se inicialmente para a publicação de livros de economia, cuja coleção foi inaugurada em 1935. Com ritmo de produção reduzido em seus primeiros anos de funcionamento, a editora se expandiria durante a década de 1940, favorecida pela crise da indústria editorial espanhola (que abastecia até então o mercado latino-americano), provocada pela Guerra Civil, e pela disponibilidade de uma mão de obra qualificada, derivada da emigração ao México de numerosos intelectuais espanhóis (após a derrota republicana nesse conflito), que trabalharam como revisores, tradutores e editores, sobretudo.

Desde o final dos anos 1930, a editora lançou coleções de outras disciplinas, como “Política e Direito” (1937), “Sociologia”

(1939), “Filosofia” (1942) e “Antropologia” (1944), e se espalhou pela América Latina por meio da abertura de sucursais na Argentina, Uruguai, Chile, Peru, Colômbia, Brasil e Venezuela. A coleção de sociologia foi dirigida justamente por José Medina Echavarría. Quase a metade dos 60 títulos da coleção, publicados até o final da década de 1950, se esgotaram, incluindo autores como Karl Mannheim, Max Weber, Alfred Weber, Ferdinand Tönnies, Thorstein Veblen, Vilfredo Pareto, Thomas Znaniecki e Ralph Linton (Blanco, 2004 e 2009; Morcillo Laíz, 2008). Esse acervo de obras permitiu a difusão na América Latina de uma nova linguagem disciplinar e, dessa forma, foi decisivo à institucionalização da sociologia na região²⁰. A coleção incorporou, ainda, sociólogos latino-americanos como o argentino Alfredo Poviña, o brasileiro Fernando de Azevedo, o francês Roger Bastide, entre outros. As coleções “Tierra firme” e “Biblioteca americana” ratificaram essa orientação latino-americana da editora, defendida por Daniel Cosío Villegas (Sorá & Blanco, 2018). A estratégia, estribada no desenvolvimento de um sistema inovador de distribuição de livros com pontos de venda nas grandes capitais culturais da América Latina, multiplicou o público leitor da editora e de seus autores.

18 Escola Nacional de Economia da Unam (1934), Instituto Nacional Politécnico (1937), Escola Nacional de Antropologia e História da Unam (1938), Colégio do México (1939), Instituto Indigenista Interamericano (1940), Instituto Nacional de Belas Artes (1946), Instituto Nacional Indigenista (1948), Editora Fondo de Cultura Económica (1934), academias Seminário de Cultura Mexicana (1942) e Colégio Nacional (1943), além dos prêmios nacionais em Artes, Ciências e Letras (1945).

19 Vale notar que no México o Estado concentrou a promoção da vida cultural muito mais do que em outros países da América Latina, como a Argentina, o Brasil e o Chile, nos quais os empreendimentos culturais privados tiveram maior peso relativo.

20 A esse respeito, o depoimento do sociólogo argentino José Luis De Imaz é revelador do prestígio alcançado pela coleção na região. Interrogado por Gino Germani sobre suas leituras de sociologia, ao postular o ingresso no grupo liderado pelo sociólogo ítalo-argentino, ele disse: “Eu respondi: toda a Fondo de Cultura Económica. Ou seja, a coleção de ciências sociais que a Fondo havia publicado. Era uma maneira de simplificar, claro, mas também uma definição” (De Imaz, 1977, p. 125).

A Editora Siglo XXI mobilizou com enorme vantagem tal sistema de distribuição de livros, uma vez que seu fundador, o editor argentino Arnaldo Orfila Reynal, havia sido o diretor da Fondo por 17 anos (1948-1965), sucedendo a Cosío Villegas. Mas diferentemente desta última, uma empresa estatal, a Siglo XXI nasceu como iniciativa privada. A criação da editora ocorreu em reação a um ato de censura política, após a demissão de Orfila Reynal da Fondo, motivada pela publicação do livro *Los hijos de Sánchez*, do antropólogo estadunidense Oscar Lewis, que denunciava a extrema pobreza dos habitantes da periferia da Cidade do México (Bidon, 1983; Nova Ramirez, 2013; Sorá, 2017). Dois anos antes, a Fondo havia recusado publicar *La democracia en México*, do sociólogo Pablo Gonzalez Casanova, então diretor da Escola Nacional de Ciências Políticas e Sociais da Unam, que analisava criticamente o sistema político mexicano. O manuscrito de González Casanova sairia, afinal, em 1965, pela Ediciones Era, outra editora privada que havia surgido no início dos anos 1960 e que, juntamente com a Siglo XXI e a Joaquín Mortiz, canalizaram o descontentamento das novas gerações intelectuais com os rumos políticos do país (Jackson & Blanco, 2016).

Em pouco tempo, a Siglo XXI cresceu e se impôs como instância reconhecida de expressão das novas gerações de cientistas sociais de esquerda, do México e da América Latina²¹. Possivelmente, a publicação de

Dependencia e desenvolvimento na América Latina por essa editora fora intermediada por José Medina Echavarría, que mantinha relação direta com Orfila Reynal, desde que este último assumira a direção da Fondo. De qualquer modo, sua publicação pela Siglo XXI foi uma condição necessária à sua ampla circulação, lembrando que o livro teve 30 edições (com tiragens de até 9 mil exemplares) entre 1969 e 2002. Uma prova disso é o fato de que outras obras de ciências humanas editadas na virada das décadas de 1960 e 1970 por essa editora tiveram desempenho similar²².

CODA

Publicado no México, concebido e redigido no Chile, por um sociólogo desse país e outro brasileiro, *Dependencia e desen-*

21 Vale notar que a Zahar, que publicou o livro no Brasil em 1970, ocupava no espaço editorial brasileiro uma posição homóloga. O catálogo da editora contava com diversos títulos e coleções das ciências sociais e do marxismo. Sobre a Zahar, ver: Pires (2017).

22 Esse foi o caso de: *El dilema de América Latina. Estructuras de poder y fuerzas insurgentes*, de Darcy Ribeiro, com 13 edições entre 1971 e 1988; *La economía latinoamericana. Formación histórica y problemas contemporáneos*, de Celso Furtado, com 22 edições entre 1971 e 1991; *La dependencia político-económica de América latina*, de Helio Jaguaribe, Aldo Ferrer, Miguel S. Wionczek e Theotonio dos Santos, com 16 edições entre 1970 e 1987; *Economía política de la urbanización*, de Paul Singer, com dez edições entre 1975 e 1991; *La educación como práctica de la libertad*, de Paulo Freire, com 43 edições entre 1969 e 1995; *Pedagogía del oprimido*, também de Paulo Freire, 40 edições entre 1970 e 1995; *Las venas abiertas de América Latina*, de Eduardo Galeano, com 60 edições entre 1971 e 1994; *Sociología de las enfermedades mentales*, de Roger Bastide, dez edições entre 1967 e 1988; *Tiempo, realidad social y conocimiento*, de Sergio Bagú, 14 edições entre 1970 e 1994; *Capitalismo y subdesarrollo en América latina*, de André Gunder Frank, com nove edições entre 1970 e 1987; *Sociología de la explotación*, de Pablo González Casanova, com 11 edições entre 1970 e 1987; *Imperialismo y cultura de la violencia en América latina*, 11 edições entre 1970 e 1987; *Subdesarrollo y revolución*, de Ruy Mauro Marini, 12 edições entre 1969 e 1986; *Las clases sociales en las sociedades agrarias*, 15 edições entre 1969 e 1985. Fonte: *Catálogo General Siglo XXI 1965-1995* (Cidade do México, 1996).

volvimento na América Latina resultou de uma configuração intelectual e institucional transnacional, que ofereceu as condições de produção para o livro e um mercado para sua circulação e consumo. Em outras palavras, a emergência desse espaço foi o condicionante principal para a consagração do livro. Concentrada em Santiago na década de 1960, então uma metrópole das ciências sociais latino-americanas, sua geografia incluía instituições de planejamento, como a Cepal e o Ilpes, de ensino e pesquisa, como a Flacso, em Santiago, além do Clapcs, no Rio de Janeiro, editoras como a FCE e a Siglo XXI, na Cidade do México, e revistas, como *América Latina*, no Rio de Janeiro, e *Revista Latinoamericana de Sociología*, em Buenos Aires.

Não obstante sua gênese e circulação transnacional, que explicam em boa medida seu sucesso, o livro derivou, também, dos vetores nacionais de institucionalização da sociologia no Brasil e no Chile, inscrevendo-se nas tradições intelectuais desses países. Em relação ao Brasil, sugerimos que as relações ambivalentes de continuidade e ruptura entre *Dependência e desenvolvimento na América Latina* e a linhagem do ensaio de interpretação do Brasil podem ser advertidas no subtítulo do livro, *Ensaio de interpretação sociológica*. Nessa direção, seu argumento mais geral sobre a América Latina abriga uma reflexão sobre os processos de “formação” e “desenvolvimento” da sociedade brasileira, enquadrados pelo método comparativo.

REFERÊNCIAS

- ANDERSEN, D. J. “Creating Cultural Prestige. Editorial Joaquín Mortiz”. *Latin American Research Review*, vol. 31, n. 2, 1996.
- ARANTES, P. E. “Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo”, in M. A. d’Incao; E. F. Scarabôto (orgs.). *Dentro do texto, dentro da vida*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- ARAÚJO, R. B. *Guerra e paz: Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1994.
- ARRUDA, M. A. do N. “Sociología y cultura modernas en el Brasil. La sociología de Florestan Fernandes”. *Prismas*, n. 13, 2009.
- BARBOZA, D. P. “Raul Prebisch e a vida cultural tucumana”. *Prismas*, n. 24, 2020, pp. 83-102.
- BASTOS, É. “Gilberto Freyre – Casa-grande & senzala”, in L. D. Mota (org.). *Um banquete no trópico*. São Paulo, Editora Senac, 1998.

- BEIGEL, F. "La Flacso chilena y la regionalización de las ciencias sociales en América Latina (1957-1973)". *Revista Mexicana de Sociología*, 71 (2), 2009, pp. 319-49.
- BIDON, C. *Siglo XXI et son fondateur: une expérience originale d'édition*. Ph.D. thesis. Perpignan, Instituto de Estudos Mexicanos/University of Perpignan, 1983.
- BLANCO, A. "Max Weber na sociologia argentina (1930-1950)". *Dados*, v. 47, n. 4, 2004.
- BLANCO, A. "Karl Mannheim en la formación de la sociología moderna en América Latina". *Estudios Sociológicos*, v. XXVII, n. 80, 2009.
- BLANCO, A. "Ciências sociais no Cone Sul e a gênese de uma elite intelectual (1940-1965)". *Tempo Social*, vol. 19 (1). São Paulo, Departamento de Sociologia da USP, 2007, pp. 89-114.
- BLANCO, A.; BARBOZA, D. P. "Raul Prebisch y Federico Pinedo: técnica y política en la 'década infame'". *Desarrollo Económico*, v. 60, n. 232, 2021, pp. 314-37.
- BLANCO, A.; JACKSON, L. C. "A transnational book: dependency and development in Latin America". *The American Sociologist*, v. 51, n. 3, 2020, pp. 347-61.
- BLANCO, A.; SORÁ, G. "Unity and fragmentation of the social and human sciences in Latin America", in *The social and human sciences in a global perspective*. Edited by Johan Heilbron, Gustavo Sorá, and Thibaud Boncourt, vol. 2 of the Palgrave book series "Socio-historical studies of the social and human sciences", 2018, pp. 127-152.
- BOTELHO, A. "Sequências de uma sociologia política brasileira". *Dados*, v. 50, n. 1, 2007.
- BOTELHO, A. "Pasado futuro de los ensayos de interpretación del Brasil". *Prismas*, n. 13, 2009.
- BRUNNER, J. J. *Los orígenes de la sociología profesional en Chile*. Santiago, Flacso, 1985.
- CARAVACA, J.; ESPECHE, X. "América Latina como problema y como solución: Robert Triffin, Daniel Cosío Villegas, Víctor Urquidí y Raúl Prebisch antes del Manifiesto Latinoamericano (1944-1946)". *Desarrollo Económico*, vol. 55, n. 217, 2016, pp. 211-35.
- CARDOSO, F. H. "Análise e memórias: recordações de Enzo Faletto". *Tempo Social*, v. 19, n. 1, 2007, pp. 215-21.
- CARDOSO, F. H.; FALETTO, E. *Dependência e desenvolvimento na América Latina*. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.
- COSER, L. *Hombres de ideas. El punto de vista de un sociólogo*. Cidade do México, Fondo de Cultura Económica, 1968.
- D'INCAO, M. A. (org.). *História e ideal: ensaios sobre Caio Prado Junior*. São Paulo, Brasiliense/Unesp, 1989.
- DONGHI, H. T. "La Cepal en su contexto histórico". *Revista de la Cepal*, n. 94, 2008, pp. 7-27.
- GARRETÓN, M. A. (org.). *Dimensiones sociales, políticas y culturales del desarrollo*. Santiago de Chile, Clacso, 2007.
- FERNANDES, F. "Resenha de *Raízes do Brasil*". *Revista do Arquivo Municipal*, CXXII, 1949.
- FERNANDES, F. *A etnologia e a sociologia no Brasil*. São Paulo, Anhembi, 1958.
- FESTI, R. C. "Desejo de história: a sociologia do trabalho de Alain Touraine (1948-1973)". *Lua Nova*, n. 106, 2019, pp. 65-96.
- FRANCO, R. *La Flacso clásica (1957-1973): vicisitudes de las ciencias sociales latinoamericanas*. Santiago, Editorial Catalonia/Flacso, 2007.
- FRANCO, M. S. de C. "Memorial". São Paulo, FFLCH/Universidade de São Paulo, 1988.
- FREYRE, G. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro, Record, 1992.
- GARCIA, S. *Destino ímpar*. São Paulo, Editora 34, 2002.

- GARCIA JR., A. "A dependência da política: Fernando Henrique Cardoso e a sociologia no Brasil". *Tempo Social*, v. 16, n. 1, 2004.
- GOULDNER, A. "El antimnotauru: el mito de una ideología libre de valores", in I. Horowitz (org.). *La nueva sociología*. Buenos Aires, Amorrortu, 1969.
- HIRSCHMAN, A. "Auge y caída de la teoría económica del desarrollo". *El Trimestre Económico*, v. XLVII, n. 188, 1980.
- HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.
- HODARA, J. *Prebisch y la Cepal. Sustancia, trayectoria y contexto institucional*. Cidade do México, Colmex, 1987.
- IANNI, O. "Resenha de *Sociologia, introdução ao estudo de seus princípios*". *Anhembi*, n. 92, 1958.
- IMAZ, J. L. de. *Promediando los cuarenta*. Buenos Aires, Sudamericana, 1977.
- JACKSON, L. C. *A tradição esquecida: Os parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.
- JACKSON, L. C.; BLANCO, A. *Sociologia no espelho: ensaístas, cientistas sociais e críticos literários no Brasil e na Argentina*. São Paulo, Editora 34, 2014.
- JACKSON, L. C.; BLANCO, A. "O caudilho da sociologia mexicana: Pablo González Casanova e a democracia no México". *Tempo Social*, v. 28, n. 3, 2016.
- LEPENIES, W. *As três culturas*. São Paulo, Edusp, 1996.
- LIMA, N. T. *Um sertão chamado Brasil*. Rio de Janeiro, Revan/luperj, 1999.
- MARTINEZ, P. H. *A dinâmica de um pensamento crítico*. São Paulo, Edusp, 2008.
- MENDES, F. da S. "Alain Touraine e o Brasil: atores sociais e dependência em diálogos dos anos 1970". *Lua Nova*, n. 106, 2019, pp. 97-129.
- MONTEIRO, P. M. *A queda do aventureiro: aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil*. Campinas, Unicamp/Fapesp, 1999.
- MORAES, M. I. de; JACKSON, L. "Açúcar e café: ambiguidade de *Raízes do Brasil*". *Lua Nova*, n. 113, 2021.
- MORCILLO LAÍZ, A. "Historia de un fracaso: intermediarios, organizaciones y la institucionalización de Weber en México (1937-1957)". *Sociológica*, vol. 67, n. 23, 2008, pp.149-92.
- NOVA RAMÍREZ, V. E. *Arnaldo Orfila Reynal. El editor que marcó los cánones de la edición latinoamericana*. Master dissertation. Cidade do México, Universidad Nacional Autónoma de México, 2013.
- PEIXOTO, F. Á. "Franceses e norte-americanos nas ciências sociais brasileiras (1930-1960)", in S. Miceli (org.). *História das ciências sociais no Brasil*, vol. 1. São Paulo, Vértice/Idesp/Finep, 1989, pp. 477-532.
- PIRES, P. R. *A marca do z: a vida e os tempos do editor Jorge Zahar*. Rio de Janeiro, Zahar, 2017.
- PONTES, H. *Destinos mistos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- PRADO JUNIOR, C. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- PRADO JUNIOR, C. "Métodos sociológicos". *Fundamentos*, 4, 1948.
- PULICI, C. *Entre sociólogos*. São Paulo. Edusp, 2008.
- REGO, J. M. "Entrevista com Enzo Faletto". *Tempo Social*, v. 19, n. 1, 2007, pp. 189-213.
- REYNA, J. L. "Enzo Faletto (1935-2003): un intelectual latinoamericano", in *Recuerdos de la Flacso*. Santiago de Chile, Flacso, 2007.
- RICUPERO, B. *Caio Prado Jr. e a nacionalização do marxismo no Brasil*. São Paulo, Editora 34/Fapesp, 2000.

- RODRIGUES, L. S. *A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e um seminário (1958-1978)*. Tese de doutorado. São Paulo, USP, 2011.
- SALLUM JÚNIOR, B. "Notas sobre o surgimento da Sociologia Política em São Paulo". *Política & Sociedade*, n. 1. Florianópolis, 2002.
- SORÁ, G. *Editar desde la izquierda: la agitada história del Fondo de Cultura Económica y de Siglo XXI*. Cidade do Mexico, Siglo XXI, 2017.
- WAIZBORT, L. "O mal-entendido da democracia: Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, 1936". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 26, n. 76, 2011.
- WEGNER, R. *A conquista do Oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2000.
- YOCELEVZKY, R. "Las contribuciones de Enzo Faletto al pensamiento latinoamericano". *Estudios Sociológicos*, vol. XXII, n. 1, 2004, pp. 185-201.